Bichos solitários[1]
(poesia e ficção: prosema)
Por *Ricardo Daunt*

A última zibelina[2] do dia foi sacrificada
e sua pele valiosa seria tratada para aquecer
o mais belo pescoço da tribo humana.
Eis seu destino.
Era uma fêmea e trazia uma promessa
de um dinheiro que fora desprezado
no momento em que a abateram.

Seus executores, todos de uma mesma família,
pai e dois filhos, lamentaram a má sorte.
Poderiam ter pego um macho ao invés,
Assim, aquela fêmea estaria livre para procriar
e render mais no futuro. Em média duas ou três crias
por vez.

[1] Advertência: o texto híbrido que o leitor vai ler não propõe uma discussão sobre as diferenças entre o poético e o prosaico, apenas faz uso de maneira pendular ora do prosaico mais narrativo e coloquial e quase descuidado, ora do lirismo mais evidente. Essa situação pendular permite que o poema-prosa ofereça uma dinâmica de leitura com interessantes surpresas, ora se assemelhando a uma narrativa ficional, ora a um poema narrativo, ora a um poema lírico, daí as frequentes mudanças formais que o texto adota, em atendimento a esse propósito, o que pode gerar desconforto, mas também prazer.

[2] Nota de esclarecimento: a zibelina é um mamífero solitário, de pequeno porte. Cientificamente seu nome de batismo é Martes zibelina, que no final das contas é uma espécie de marta, e pertence à família dos mustelídeos. Mede aproximadamente 45 centímetros, incluído o rabo, que é longo. Esse animal predador, onívoro como nós, vive no norte da Europa e da Ásia. A zibelina que acaba de ser abatida vivia na Sibéria, mais precisamente na vasta região chamada de Planalto Central Siberiano. Era ainda jovem, mas já havia devorado muitos esquilos e pássaros desavisados. pois em se tratando de carne, eram sua refeição predileta. A partir de sua pele, muito valiosa, se fabricam estolas, casacos, chapéus e, como se verá, elegantes cachecóis que enlaçam todo o pescoço e cobrem o queixo e a boca. Ou, ainda, envolvem o pescoço apenas, deixando o rabo pender entre os seios, como se fosse uma gravata peluda. Muitas peças de zibelina são necessárias para vestir da cabeça aos pés uma lady russa dos tempos de hoje. Quantidade idêntica é usada para vesttir da mesma forma burguesas americanas, canadenses e chinesas.

Deram ao cachorro mais velho o crânio já descarnado,
para que o mordiscasse e depois brincasse com a carcaça
com bem quisesse,
se ainda tivesse forças, já que não tinha mais a disposição
de outrora. A mulher do clã recolheu as tripas e vísceras em uma cuia.
Faria uma espécie de pasta com elas.
Os membros e o tronco foram lavados, cortados e salgados.
Os fetos enterrados lá fora, longe da cabana, com o resto do lixo.
A pele, é claro, bem vendida.

O sujeito atravessou a Broadway e foi andando a passo
acelerado até a Quinta avenida. Lá tomou um táxi.
Jogou o chapéu, o jornal dobrado e o embrulho
no banco, a seu lado. Ela se chamava Mimi,
ou Zizi, ou Zazi, que confusão. Era Zizi.
Que loucura dar-lhe um presente tão caro,
se nem sabia ao certo seu nome, só o desenho
de suas ancas, a cor dos seus olhos, o rosado
dos mamilos e da boca sanguínea e atrevida.

Ela ficou surpresa quando abriu o pacote,
arrancou a roupa que vestia
e, na frente dele, envolveu a zibelina ao redor
do pescoço. Ele imediatamente agarrou-a
pela cintura, arrancando-a do chão.
Ela, uma presa.

Era uma vez Buford, Wyoming, a 2400 m de altitude
e um só habitante, míster Sammons, seu dono e senhor.
Por umas boas moedas passou o título da cidade

para as mãos de um vietnamita sonhador
e Sammons partiu dali
sem volver os olhos para trás; foi morar em Tucson, Arizona.
Não foi a melhor escolha.

O vietnamita se tornou o mais solitário dos vietnamitas.
Desde o topo de seu império bufordiano administrava
um posto de gasolina sem borracharia, sem gasolina,
sem serviços de espécie alguma;
uma pocilga com dois porcos macilentos que não cresceram muito,
duas dúzias de galinhas que não punham,
um galo que nada queria, um estábulo com telhas de zinco,
uma vaca que não dava leite –
e, cioso de seus deveres, pagava impostos municipais pontualmente
para ele mesmo.
Naquele período ele e seus animais não se reproduziram.

Sammons logo comprou uma casa confortável em Tucson --
cidade árida que era conhecida como Pueblo Viejo, antigamente -- e com
o dinheiro da venda de sua cidade arranjou, depois de tantos anos de
completa inatividade sexual, uma mulher para colocar
dentro da casa e uma amante, para manter fora.
Esta última se chamava Zizi ou Zazi, ele a conheceu em New York,
e para demonstrar seu falso amor comprou-lhe uma bela
zibelina. Depois fornicou com ela, mas ela não tirou mais,
por um bom tempo, a zibelina do pescoço.

O fato é que Sammons se cansou de Tucson e da mulher
com quem se casara, Elsie, mas não de Zizi, ou Zazi. Não, era Zizi.
E foi em seu encalço, propôs que morassem juntos
no Brooklyn. Como o aluguel estava caro
e apesar de não gostar do Brooklyn, ela concordou por algum tempo.

Mas em seguida ficou repentinamente pelas tampas,
e, depois de muito relutar, concluiu que Sammons
era muito chato e não valia a zibelina. Mandou-o às favas
e teve a coragem de devolver-lhe a zibelina, mas ficou morando
no apartamento em Brooklyn, que era ensolarado
e com uns vizinhos simpáticos.

Sammons, aborrecido, foi para a Europa, com a zibelina na mala.
Haveria de encontrar alguém que quisesse a pele e seu amor.
E o melhor era que fosse logo, pois seu dinheiro
não ia durar para sempre.
No navio encontrou um velho conhecido, dos tempos
do high school. Beberam muito
e combinaram juntar forças para tocar um negócio de hotelaria.
Na Europa Sammons não se deu bem, faltavam-lhe
o domínio de línguas e um vernizinho mínimo para lidar
com o Velho Mundo.
Desistiu trinta mil dólares depois, tomou o navio de volta e
nem bem colocou as malas na suíte do The Pierre, ligou para o colega de escola, Ernest, Ernie para os íntimos.
Combinaram que se encontrariam em dois dias.
Em seguida ligou para Zizi,
queria o apartamento de volta, oferecia em troca um bônus.
Ela disse que ia pensar. Caramba, e não é que agora tinha aprendido a não esquecer o nome da vigarista?
Foi para o bar do hotel, sempre calmo e discreto, sempre enjaulado em um silêncio conservador e disciplinado, como convém a um bar cinco estrelas.
Sammons se imobilizara como um dragão de Komodo e mergulhara em uma súbita pasmaceira de viandante exausto.
É como se tivesse perambulado por semanas sem destino e agora depunha pela primeira vez em tanto tempo as armas, as malas e as esperanças e, sem premeditar nada, sentara-se em um sofá em um lugar qualquer, tão-somente para parar de caminhar.

Silente, só se pronunciou quando um tilintar de taças arruinou o ar aristocrático local. Saiu do súbito letargo, pediu uma bebida. Um coquetel à base de rum antilhano, e pensou pela décima vez se seria vantajoso fazer negócio com o Ernie; pensou também pela vigésima vez se seria desastroso aceitar as condições de Zizi.

O vietnamita estava achando muito chato a vida de máximo mandatário daquele lugar vazio. Decidiu que colocaria um anúncio em diversos jornais do país, oferecendo uma posição de assistente administratrivo de seus negócios, com possibilidades de casamento futuro.

Tinha que ser jovem, honesta e bonita. E saber escrever bem em inglês.

Muitas cartas chegaram, uma em especial, era de Elsie, ex-mulher de Sammons.

Elsie, cansada da mesmice de Tucson e do calor árido e das pessoas sem imaginação e do sul do país, achou que trabalhar nas montanhas seria por algum tempo uma ideia interessante. Mandou fotos, várias, e caprichou na caligrafia. Foi contratada depois de muitas relutâncias e embates íntimos por parte do vietamita que, ao responder, fez questão de frisar que não estava querendo uma mulher, mas uma funcionária. Elsie respondeu dizendo que entendia perfeitamente, mas que era uma moça dona de seu nariz. Ele por fim a admitiu. Ela alugou sua casa em Tucson para uma família conhecida e partiu de carro para as Montanhas Rochosas. Começava a nevar. Era tudo muito excitante.

Zizi pediu um bom dinheiro para devolver o imóvel do Brooklyn a Sammons. Oitenta mil dólares. Ele decidiu que não pagaria nada. Afinal era ainda casado com Elsie. Zizi regateou, discutiu, deixou por vinte. Sammy aceitou.

Quando ela lhe entregou as chaves, ele pediu que ela não o chamasse mais pelo apelido, muito íntimo. Ela deu de ombros. Tinha alguém em vista e um emprego de florista. Além do mais trabalhar com flores era o melhor, quando se trata de arranjar marido, só perdendo para o de vendedora de roupas masculinas em lojas de departamento.

Sammons ficou sem os móveis, que Zizi levou para um apartamento na rua de trás, q ue dividiria com Jackie. Alugou uma mobília por um mês, e um mês lá ficou. Entregou o imóvel a um corretor da cidade. Em dois meses recebeu o dinheiro da venda. Devolveu os móveis à locadora e partiu. Não fora um bom negócio, mas não fora ruim.

Quanto a Ernie, bem, o futuro sócio esperara muito, ficara angustiado e estava a ponto de disistir, mas no momento em que Sammons lhe telefonou para dizer que resolvera seus problemas com Zizi e que topara as condições da transação, Ernie ficou feliz. E lá foram os dois para o hotelzinho em Laramie. Enfrentaram uma boa reforma. Antes do Natal, reabriram. Uma beleza.

Elsie tivera algumas dificuldades com o vietnamita; Ho Chin era finalmente seu nome. E seu nome se pronunciava como quem imita um espirro. Ela foi doméstica, datilógrafa, telefonista, e pouco a pouco a potestade oriental tomou jeito. Cercas refeitas, córregos limpos, árvores frutíferas plantadas, pastos recuperados, novilhada promissora e bem escolhida, um novo plantel de poedeiras. Os porcos foram para o prato. Primeiro um, depois o outro.

A família de Ho Chin, que vivia em Da-Nan, enviou-lhe uma terrível notícia: seu pai e sua mãe faleceram em um desastre de trem.

O vietnamita largou seus afazeres em Wyoming e regressou a seu país.

Funerais, lágrimas, familiares reencontrados. Em um mês, Ho Chin tomou um avião e voltou para os Estados Unidos. Não o autorizaram a reingressar no país. Ele não comprovava renda. Foi deportado para seu país de origem.

Enquanto isso, Elsie fazia milagres em Buford e o negócio se expandia e solidificava. Quando ficou sabendo que seu provável futuro marido fora impedido de entrar nos Estados Unidos, chorou um pouco, lastimou-se, mas não muito.

Procurou trabalhar ainda mais. Vacas leiteiras chegaram. Gente para a lavoura e para o trato dos animais foi contratada com zelo e perícia disponível. Começou a plantar hortaliças e legumes, para vender no entreposto mais próximo. Suas batatas se tornaram rapidamente uma

lenda, sempre avermelhadas e duras, ótimas para fritar, melhores ainda para cozinhar. Alguns anos escoaram.

Se é fato que gastou um pouco mais da conta quando começou a cuidar dos negócios de Ho Chin, logo, é bom que se diga, equilibrou as finanças do pequeno reino de Buford e passou a ter lucro. Elsie, levando-se em conta o esmero com que começara a se vestir todas as manhãs, passara a gostar mais de si mesma. Que contraste com a Elsie do passado!

Mais um rigoroso inverno despontava, as Montanhas Rochosas começaram a se recobrir de neve. Era mesmo excitante.

No final de um ano qualquer, exatamente dois dias antes do Natal desse ano qualquer, o hotel de Sammons e Ernie finalmente conseguiu ocupar todos os seus quartos. Havia uma convenção na cidade, de agricultores e criadores de gado, além de uma comemoração de uma empresa fabricante de laticínios, que trazia muitos hóspedes também.

Por essas duas razões, Elsie, que coincidência, deixou o encarregado da fazenda à testa dos negócios e foi para Laramie.

Quando ela percorreu o lobby do hotel, estava bela como jamais. Elsie sabia disso. Mas Sammons ainda não. Ficaria sabendo somente no dia seguinte, quando ela saísse de sua suíte para o café da manhã. Foi quando a reencontrou.

Sammons nunca se sentira tão contente como agora, novamente em Buford, mas tudo era diferente, tendo ele agora em seus braços a mulher que abandonara em Tucson, mas que felizmente guardava poucas semelhanças com aquela, do passado, que ele deixara. Sentiam-se felizes como nunca. Ele não pensava mais em Zizi, e ela poucas vezes pensava em seu patrão oriental. Mas pairava sempre a dúvida: se o vietanamita voltasse, o que fariam com ele? Enquanto ele não aparecia eles se divertiam como jamais, às vezes ela dançava nua para ele, apenas com a zibelina em volta do pescoço e o rabo castanho, com os pelos muito eriçados, balançando entre os pequenos seios de mamilos róseos.

As cartas de Ho Chin sempre chegavam, e cada vez com maior frequência. As respostas da secretária americana eram contudo sempre ambíguas, cheias de evasivas, desinteressadas e suas respostas tardavam semanas, por vezes mais. Ao constatar que o tom das cartas de seu patrão se transformara, e que o oriental já lhe fazia algumas ameaças, inclusive de colocá-la na cadeia, caso não desse conta do que realizara desde sua partida, Elsie resolveu abrir o jogo. A verdade, escreveu-lhe, é que se casara com o único homem de sua vida, ou, melhor, casara-se com o único homem que deitara em seu leito, de novo. E os dois viviam ali, na cama do vietamita. Os negócios iam bem, muito bem. Se Ho Chin concordasse, ela enviaria uma quantia muito interessante todos os meses, até ficar proprietária exclusiva da potestade em Wyoming. Entretanto, no que diz respeito ao pedido formulado pelo patrão (aliás ex-patrão, haja vista que há muito tempo não recebia seus merecidos salários), de informar às autoridades dos Estados Unidos que ele tinha bens e investimentos em território americano, para assim ter êxito na tentativa de regressar ao país, Elsie se recusou, alegando que temia que Ho Chin fosse violento com ela quando a encontrasse, obrigando-a a decepar um dedo para expiar seu crime ou, pior, a cometer um harakiri. Na carta seguinte, Ho Chin, completamente fora de si, e certamente assessorado por alguém que conhecia o vocabulário das ruas novaiorquinas, xingou-a de muitos nomes e voltou a ameaçá-la; desta vez indo mais longe, jurou que a mataria, e por fim chamou-a de estúpida. Ele não era japonês, não era da máfia oriental e nunca fora samurai. Era apenas um sujeito pacato. A carta de Ho Chin tinha sinais de que fora molhada. Elsie pôs a mão sob o queixo e concluiu: ele chorou, pobre infeliz.

Sammons, que dividia seu tempo entre o hotel e a propriedade rural, ao tomar conhecimento do teor da carta de Ho Chin, reuniu-se com Elsie e, na ponta do lápis, depois de muitas contas, esboçou, assistido por ela, bem entendido, uma proposta de acerto financeiro, de forma que o assunto com o oriental seria definitivamente enterrado. A proposta era a de que Sammons recomprava a propriedade por 60% do valor que recebera na transação com o vietnamita, em nome de Elsie, já deduzidos os salários dela, multas, indenização trabalhista, etc. Pagamento em 5 anos.

Ho Chin estava cansado daquilo. Considerou a proposta de Sammons e Elsie, estirado em um canapé no alpendre da casa familiar que passara para seu nome depois da morte inesperada de seus pais. Assim, confortavelmente instalado, conseguiu controlar seu ódio e sua fome de vingança. Afinal, ele era um oriental, embora não um samurai. Escreveu aos americanos com uma contraproposta: 80% em 8 anos.

Elsie e Sammons voltaram aos cálculos. 65%, já descontadas as verbas salariais, em 6 anos.

Ho Chin : 68% em 6 anos, verbas já descontadas.

Elsie e Sammons: 67% em 7 anos. Com 5% de entrada. Verbas já descontadas e nem mais um centavo.

Ho Chin: de acordo.

Depois de colocar sua carta nos correios, fechando o negócio, Ho Chin voltou rapidamente para casa. Embarcaria para a Sibéria no dia seguinte, agora como coproprietário de uma pequena indústria de beneficiamento de peles. O outro sócio era seu primo, Xuan, mais jovem e minoritário na sociedade. Ho Chin estava seguro que o traria facilmente sob seu jogo. Agora, se sentia mais experiente e sabia que não iria errar. Nesses lugares, ainda aventou, o pior é o frio. Mas alguns acres de terra custam uma ninharia. E essa é uma vantagem. A outra é o preço das peles das zibelinas. Uma verdadeira fortuna. Mas para tanto, era preciso modernizar o maquinário, rever a rede de varejo na Europa e Américas. No primeiro caso, e fazendo uso em grande parte do dinheiro que pingava em sua conta, proveniente de Wyoming, acrescido dos recursos de uma linha de crédito governamental, ele não só comprou novas máquinas, como ampliou certos setores da fábrica. Seus representantes, no passado escolhidos sem qualquer critério, passaram a ser nomeados a dedo, impondo-lhes práticas que seduzissem a clientela mais endinheirada. Concomitantemente, apertou o garrote do pescoço dos caçadores, impôs uma tabela previamente fixada e se tornou ainda mais exigente quanto aos métodos de caça, de modo que preservassem cada

valioso fio do pelo zibelino. Queria uma pele limpa, sem sangue, sem ferimentos, sem queimaduras, sem falhas. Quando recebia peles com alguma dessas imperfeições, a tabela, que tudo previa, não perdoava e impunha um desconto pesado pela peça.

Talvez, é fato, tenha sido um pouco ardiloso e truculento nessa parte, mas ainda não esquecera o mau negócio com Elsie. Aquela coisa toda de Buford fora uma estupidez. Isolar-se em um país estrangeiro não era o problema, o problema era deixar de fazer o dinheiro trabalhar.

Ho Chin mantinha a seu lado, na administração, o primo Xuan, que cuidava diretamente das reformas e manutenção geral, inclusive da casa em que viviam, como também dos equipamentos, da folha de empregados, das terras, do reflorestamento e das renas domesticadas, em parceria com um mongol que entendia do assunto, mas que nunca se fazia entender. O tal mongol zelava, por sua vez, pela engorda das renas em cativeiro, coleta de leite e armazenamento de carne para o inverno. Ho Chin supervisionava tudo.

Xuan acompanhava às vezes um grupo de caçadores de rena. Aprendeu a atirar e muitas vezes convidava seu primo mais velho a acompanhá-lo nas aventuras. Num domingo, Ho Chin, sempre relutante, finalmente aceitou o convite. Foram ambos, com alguns homens, percorrer a tundra, seguindo as pegadas das renas, muito distraídas no outono.

Os homens espalharam-se, movimento entre as árvores, ruído de cascos sobre as folhas. Um tiro. Ho Chin não resistiu. Xuan chorou, foi preso, foi solto, ficou com tudo.

Xuan chorou novamente ao ver o primo
como que abraçado à rena abatida pelo caçador, ambos mortos,
estirados na carroça, seu rosto coberto pelo gorro de pele,
a vida empenhada no vazio, menino tornado assassino.
A quem revelar sua verdade, se os pais e os tios
eram hoje apenas uma memória de vidro?

O homem e a rena abatidos,
presos, ambos caça alvejada.
Os lobos em bando no horizonte liso,
seus focinhos tocando o sol, manejando
as irradiações do fogo.
Os olhos de uma raposa cintila enroscados
na folhagem, sob um coágulo de luz.
Iluminam o percurso fúnebre da volta à casa.
Ho Chin, o chapéu de marta na cabeça, a rena ferida.

Xuan chorou novamente, entardecer com laivos
de óleo amarelo e cremes ruivos tostados, azuis disfarçados
entre gazes raras de ouro.
As rodas da carroça chapinham sobre a rala relva,
sobre os fiapos de água que cruzam os sentidos
do caminho, suas pegadas largam artérias de água rasgadas
no matagal baixo, entre flores decepadas.
Para trás ficam poças de sangue, corredeiras de morte
que nasceram do pescoço da rena e se dissipam
mansamente como a luz do entardecer de outono.

Para trás, novamente para trás, para além do tracejar
das rodas castanhas, deixadas como herança,
a voz de Ho Chin, os gestos de Ho Chin, graves
e inquisitivos. Ele grita: eu morri. A rena grita: eu morri.
e logo se vê que há uma zibelina que diz o mesmo.
Um dos caçadores matou-a, e atirou seu corpo
sobre o chão da carroça. Lágrimas jorraram
dos olhos da caça. Era uma fêmea.

E o eco de suas vozes, a imobilidade de seus corpos,
seus últimos suspiros, tudo transformou o que não pode transmudar.
A rena grita eu morri, Ho Chin grita eu morri, A zibelina grita
eu morri.
Permanecem no fundo da carroça, a morte os recebe
e uma marta zibelina, que veio a reboque e gemia,
também não suportou. Voz fina, extenuada, balbucia eu morri,
dominada por um dardo que a queria.

Elsie se deu conta de que com o acordo com o vietnamita, promovido por Sammons, ficava no final das contas proprietária de Buford, e isso aguçou nessa pacífica criatura um sentimento subitamente voraz de ambição material que era algo totalmente novo para ela a princípio, mas que ao cabo de algumas semanas já era aceitável e familiar. Por outro lado, seu companheiro, que ela reconhecia como um bom sujeito, tinha ele próprio seus negócios com Ernie, e se encontrava em boa situação financeira; e se era verdade que ela gostava dele, tanto que se uniram duas vezes, Elsie também gostava de si mesma e nutria expectativas nada convencionais com respeito a sua vida íntima. Somando tudo, considerando suas recentes pretensões materiais; considerando ainda que Sammons se ajeitaria, e que Buford era dela de papel passado; e que, não bastasse tudo isso, ela estava a exibir para si mesma, frente ao espelho, formas físicas inegavelmente atraentes para qualquer um que tivesse olhos para ver, decidiu romper amigavelmente com Sammons. Muito carinho e gratidão era o que sentia por ele. Mas mais ainda por ela mesma. Oh, como se gostava!

Sammons quase disse a Elsie que a amava mais do que nunca, mas não era verdade. Por não ser verdade, decidiu não dizer. Poucas vezes na sua vida se sentira tão só e ao mesmo tempo tão em harmonia consigo mesmo como naquele exato momento da ruptura. Se Elsie queria desmanchar os projetos da segunda gestação matrimonial, ficavam quites. Da primeira vez fora ele, agora era a vez dela. Ademais, ao contrário de Zizi, ele saía da relação quase como entrara: comprometido

com seus projetos hoteleiros e alicerçado em uma conta bancária que no final das contas não lhe havia custado muito para engordar. Entretanto, nem bem dera alguns passos sob a chuva, para enfiar seus pertences pela porta traseira da station wagon que comprara (naquele dia não muito longínquo quando subitamente se sentira um sujeito um tanto rural), Sammons parou petrificado. Nesse exato instante ele foi atingido com violência por dois sentimentos distintos: surpresa e despeito. Dois sentimentos que combinados eram muito ruins, mas era o que o acometera quando se deu conta de que havia sido chutado porta afora de Buford. Sammons entrou na perua depois de lançar as malas para as traseiras do veículo e bateu com força e estrépito a porta.

Xuan chorou muito, e muitas vezes ouviu o baque do primo na relva enregelada, ouviu também muitas vezes o chapinhar da carroça se afastando do local do crime, a escura mancha das árvores desaparecendo às costas, o longo caminho até a casa de Ho Chin, já noite. Xuan sempre chorando ouvia a voz de seu primo pedindo que não o matem, que quer viver e ganhar dinheiro com a rena e a zibelina.

No dia seguinte, e no outro dia, Xuan quase enlouqueceu. De noite, Ho Chin puxava seus cabelos, ele o sentia, Ho Chin brandia um chicote no ar na gélida madrugada, e Xuan acordava com dores no corpo, marcas no peito e nas pernas. Gritava o nome de seu primo, mas Ho Chin só aparecia quando ele não tinha olhos para ver.

No céu laivos esbranquiçados e boreais,
veias brancas arrebatam cometas e estrelas
no firmamento em guerra. Constelações como o pescoço
de uma rena morta, jorrando fachos amarelos,
constelações como rabos
de zibelinas sacrificadas,
zibelinas como esquilos sacrificados,
aranhas como nozes de insetos,

renas engolindo zibelinas e pedras,
luz como o negro cintilar do pânico
da caça,
córregos com as veias rompidas, eméticos,
primo engolindo a perna do outro primo,
mate-me, mate-me não.

No céu o leite da rena, a urina da rena,
o casco esbranquiçado da rena esmigalhando
a zibelina fêmea. Tudo desmorona

e depois de tantas noites desesperadas, fantasmagóricas, Xuan percebeu que seu primo queria mais do que o arrependimento, queria vingança. Queria que a justiça fosse feita lá, no seu reino americano usurpado. Ele no primeiro momento respirou com alívio, ao menos Ho Chin não queria seu sangue. Depois pensou que seria bem capaz de cumprir o que o primo determinava. Foi quando voltou a dormir e não sofreu chibatadas, e acordou nas manhãs de cada dia sem dores no corpo. Aí então se levantou e foi administrar o negócio. Já era tempo. Mas antes de mais nada, saiu à procura de informações.

Zizi ficou morando com Jackie alguns meses, talvez mais que um ano, quase dois, até que Jackie quis ser mais que uma boa amiga e quase a forçou a se deitar com ela. Zizi não era boa de contas, mas sabia que ainda tinha um bom dinheiro e o melhor que podia fazer era sair dali sem estardalhaço. Quando Jackie muito contrariada saiu na manhã seguinte para trabalhar, Zizi juntou suas coisas e zarpou, deixando um bilhete: os móveis são meus. Volto para pegar em três dias. Não invente confusões. Assinado, Zizi.
Ela arranjou um pequeno, muito pequeno apartamento no mesmo bairro, e calculou que poderia viver sem grande estardalhaço por mais dois anos com o dinheiro que tinha, mesmo se perdesse o emprego de florista. Nada mal. Quando se viu instalada, chorou muito, e mais ainda quando

percebeu que seus seios começaram a cair. Eram tão empinados! Nas noites seguintes descobriu o que era o silêncio em New York. Tinha a impressão de que morria aos poucos.

Xuan botou seus pés no velho Mundo Novo. Trazia muitos milhares de dólares em uma pasta e vestia um terno de verão que faria inveja a muitos velhotes de Miami. Não foi barrado na alfândega, mas passou por uma revista bem demorada e minuciosa. Aguentou tudo. Pensou que tivera já incontáveis dificuldades para a avançar contra o inimigo, nas estepes, nas montanhas, nas searas, nos campos incultos, mas chegou. Ali estava Buford.

Quando Elsie foi alvejada pelo dardo envenenado
nem teve tempo de ver de onde viera a vingança,
ou o engano ou o desatino
que a enviara para a morte.
Morreu sem perceber que morria.

Xuan quase teve pena da alta americana,
bonita como nas revistas ocidentais.
(Seu plano era sair de mansinho, voltar a caçar, comer carne de rena, explorar os caçadores de zibelina, fazer, enfim, as coisas como seu primo ensinara. Mas não podia sair daquele país sem antes dirigir um Corvette 427 conversível. Foi difícil achar um, deixou metade da mala de dinheiro que trouxera, como garantia.
Fora muito difícil arrancá-lo das ferragens, depois que o bólido se converteu em um monte de aço e ferro retorcidos em suas mãos inábeis. Nem deu para sentir o gosto. De Xuan nada sobrou que se parecesse com a foto do passaporte. Pobre homem, pobre assassino.)

Céu cinzento, carregado de vapores,
uma cordilheira de presságios, renas, esquilos,

avatares, albergues pelo caminho andarilho,
o esquilo atravessa por dentro
das árvores
e bebe o sangue da vida.

São Paulo, abril e maio de 2012